

QUINTA-FEIRA • 22 DE JUNHO DE 2017

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 31437
de 22 de Junho de 2017, do jornal Diário do Minho,
não podendo ser vendido separadamente.

IGREJA^{VIV}

ESPECIAL

MÚSICA

PADRE GUILHERME PEIXOTO

CONSTRUIR COMUNIDADES

— P. 4-5 —

PALOMA OVEJERO: "FOI DEUS QUE ME COLOCOU NESTE CAMINHO"

FLÁVIA BARBOSA

DEPARTAMENTO ARQUIDIOCESANO PARA A COMUNICAÇÃO SOCIAL

Na semana passada, o Departamento Arquidiocesano para a Comunicação Social (DACS) esteve em Roma para assistir à defesa da tese de doutoramento do Pe. Tiago Freitas, antigo director do DACS.

Aproveitando os dias na capital italiana, o Departamento realizou uma série de entrevistas para integrarem o Igreja Viva. Uma das pessoas por nós contactadas foi Paloma Ovejero, vice-directora da *Sala Stampa* (Sala de Imprensa da Santa Sé). Amavelmente, explicou-nos que não concedia entrevistas, mas aceitaria receber toda a equipa para conversarmos um pouco. No dia agendado, chegámos adiantados ao nosso encontro. Pouco depois, éramos surpreendidos com uma Paloma absolutamente bem-disposta e “terra-a-terra”, que nos recebeu com beijinhos e um entusiasmo contagiante.

Paloma começou por explicar a razão de não conceder entrevistas. Tratou-se de uma decisão tomada em conjunto com Greg Burke, director da Sala de Imprensa. Nas primeiras semanas após as suas nomeações falaram com todos os jornalistas que os quiseram



ouvir. Depois comprometeram-se a um período de “silêncio” sobre eles mesmos: não querem ser protagonistas de uma história que consideram não ser a deles. Paloma e Greg dão-se muito bem, funcionam “em sintonia”: Paloma sente as suas opiniões efectivamente requisitadas, valorizadas e respeitadas, o que faz com que o trabalho flua “tão bem”.

A vice-presidente é bem-disposta e alegre: fala muito, sorri, fala com o olhar também. É expressiva, mas muito simples. Sobre o trabalho do dia-a-dia, disse-nos – com absoluta humildade – que é semelhante ao de um gabinete de comunicação como o nosso: todos os dias são diferentes e imprevisíveis, há alegrias e tristezas. Acabámos por nos rir perante a

comparação entre a Santa Sé e a Arquidiocese de Braga.

Sobre a sua nomeação enquanto vice-presidente, Paloma confidenciou-nos duas coisas: o que lhe havia sido dito pelo Papa e aquilo que sentiu. Francisco tê-la-ia chamado, juntamente com Burke, e dito: “Já estou a pensar nisto há algum tempo, tem sido um processo de discernimento longo. Escolho-vos não por vos achar os melhores dos melhores, mas sim por vos considerar os melhores para este trabalho”. Paloma confessou ter ficado abismada e pensativa. “Porquê eu? Nunca tinha pensado nisto, nunca pedi nem desejei isto”, pensou. Mas era um pedido do Santo Padre e, para ela, um chamamento de Deus. “Foi Deus que me colocou neste caminho, não tenho a menor dúvida. É por isso que quando tenho algum problema grande entre mãos, digo-Lhe que tem que me ajudar a resolver, afinal foi Ele que me colocou cá”, disse-nos, a rir.

Quis saber também o que fazíamos concretamente, como era a nossa vida e trabalho. Ficou genuinamente feliz pela existência do Igreja Viva e pelo facto de o Departamento ser constituído por “tantas” pessoas. “Coisa rara!”, exclamou, rindo. Terminámos a nossa conversa com uma visita à Sala de Imprensa, sempre em ambiente informal, quase de amigos. A cereja no topo do bolo: uma fotografia em conjunto. Obrigada, Paloma Ovejero!



PAPA FRANCISCO
@pontifex_pt

19 Junho de 2017

Nenhum de nós é uma ilha, autónomo e independente dos outros: só podemos construir o futuro juntos, sem excluir ninguém.

18 Junho de 2017

Jesus Se repartiu, e reparte, por nós. É a Eucaristia. Ele pede que façamos dom de nós mesmos, que nos repartamos pelos outros.

D. JORGE ORTIGA
@djorgeortiga

18 Junho de 2017

#Pedrógão Grande deixa-nos a todos em luto. Rezemos!
#PedrógãoGrande



AMEAÇA TERRORISTA PAIRA SOBRE CRISTÃOS NO EGITO

As comunidades cristãs do Egipto foram aconselhadas a reduzir o número de celebrações e as deslocações aos templos, devido à ameaça terrorista. O apelo partiu do ministro do Interior do Egipto, Magdi Abdel Ghaffar, dirigindo-se aos chefes de segurança das diferentes províncias do país, numa tentativa de evitar a concentração de pessoas “em locais de culto e de oração” e assim prevenir possíveis atentados. Nos últimos meses cerca de 70 cristãos morreram vítimas de atentados em igrejas no Egipto.



ÍNDIA APOIA PAÍSES AFRICANOS NO COMBATE À SECA

A Índia vai disponibilizar 8,9 mil milhões de euros para projectos de desenvolvimento em diversos países africanos. Um dos beneficiados será Moçambique, onde irá proceder-se à abertura de poços de água nas regiões mais afectadas pela seca. O projecto já foi aprovado pelo governo indiano e neste momento, anunciou o director para a Ásia e Oceania do Ministério dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, Belmiro Malate, “espera-se pela assinatura dos acordos para se passar à fase da implementação”.



PAPA FRANCISCO SOLIDÁRIO COM VÍTIMAS EM PEDRÓGÃO GRANDE

O Papa Francisco manifestou a sua solidariedade para com o “querido povo português” face à tragédia de Pedrógão Grande. Na oração dominical do Ângelus, na praça de São Pedro, em Roma, o Santo Padre pediu aos presentes que orassem “em silêncio” pelas vítimas do incêndio. “Manifesto a minha proximidade ao querido povo português pelo devastador incêndio que está a atingir as florestas à volta de Pedrógão Grande, causando numerosas vítimas e feridos”, referiu o Sumo Pontífice.

"LE THORONET"



PEDRO CRUZ

ARQUITECTO

Paris, 1964 : Fernand Pouillon escreve “Les pierres sauvages”, um diário do *maître d'oeuvre* de Le Thoronet.

Antes e depois, o mistério desta abadia cisterciense (sul de França, 1160-1190) fascina os arquitectos.

Le Corbusier tomara a experiência da célula monástica para exaltar a exiguidade espacial **(1)**. Prefaciaria, aliás, a publicação das fotografias de Lucien Hervé **(2)** sobre a abadia. Siza, convidado a montar uma exposição do seu trabalho na abadia, parece “ficar à porta” e apontar apenas um percurso

de base quadrangular implantado no vazio claustral do mosteiro dominicano.

Na memória fica uma experiência forte da matéria – de quando a pedra é o único material usado para conformar os espaços, revestindo pavimentos, paredes e tectos, e assumindo-se antes disso como elemento estrutural – e da luz – de quando o contraste entre o claro-escuro é expressão da tranquilidade e da força, para nós no Verão da Provence. As pedras terão o selvagem de um território ainda natural nesta Região, mas as pedras têm certamente o domínio da síntese arquitectónica entre o pensamento e a construção, entre a Regra de S. Bento e a composição do Românico, no modelo arquitectónico para a Ordem de Cister elaborado por S. Bernardo, entre a filosofia e a teologia e o talhe e o acabamento do *maçon*: “Arquitectura da Verdade”, evocando a publicação de Hervé. A luz, que na fotografia capta e eterniza, no lugar faz presente as Horas e torna mutante o ambiente.

Da *promenade* lembramos a sequência de espaços: igreja, claustro, sala do capítulo, dormitório, e para além das proporções e dos detalhes construtivos de grande simplicidade e rigor, recordamos com maior vigor a oscilação altimétrica



em reverência à força daquela que é uma arquitectura de sempre e para sempre. Quando em 2007 visitámos Le Thoronet fomos surpreendidos por Siza e pelos estranhos blocos de pedra polida que indicavam como seta o caminho. E para além da já sabida experiência espacial e tectónica inesquecível para Le Corbusier, reconhecemos também as referências formais que daqui tirou proveito, a saber a pirâmide hexagonal que emerge da cobertura do lavabo no claustro, que será um elemento da composição de La Tourette (*Eveux-sur-L'Arbresle*, 1957-60) – o oratório

de degraus e inclinações, adaptação à topografia, é certo, mas com o resultado gracioso de quebras de simetrias e de variações aos temas, de surpresa.

No ouvido está o canto do Gregoriano que continua a ecoar como no século XII, cantado ainda hoje num espaço de grande performance acústica; mais, gravado agora e captado pela tecnologia que no-lo põe a tocar bem alto na sala de estar – para melhor rezar, para melhor meditar e escrever.

(1) Cfr. Igreja Viva 19 de Novembro de 2015.

(2) 1956 em francês “La Plus Grande Aventure du Monde” e o mesmo em Inglês em 1957 “Architecture of Truth”.

"APWIA, EKHALE NI NYU" ¹



JORGE VILAÇA

PADRE

1. Em Fevereiro último, o Bispo emérito de Jales (S. Paulo, Brasil), D. Demétrio Valentini, disse, durante a homilia no Santuário Nacional de Aparecida, que a Igreja do Brasil

(na Diocese de Braga, chamar-se-iam 94 Paróquias). A grande maioria dos cristãos destas Comunidades já não se recorda de celebrar a Eucaristia, ainda que dominicalmente celebrem a Palavra. É ainda pior o acesso ao sacramento da Penitência. A maior parte dos cristãos no dia de receberem o Baptismo “vão” à primeira e última missa. Com esforços criativos, conseguem ainda assim enviar (de tempos a tempos) à sede da Paróquia um Ministro Extraordinário da Eucaristia que faz dezenas de quilómetros (a pé ou de bicicleta) para vir buscar hóstias consagradas. Hoje mesmo, Domingo, tinha sobre o altar 13 “vasos” para enviar ao mesmo número de Comunidades...

3. Que haja governantes que se esquecem dos seus pobres



precisava de reflectir sobre a questão dos católicos que não têm acesso à Eucaristia. O Bispo, que presidia à Eucaristia da Associação Nacional dos Presbíteros do Brasil, sugeriu que para resolver esse problema se escolhessem leigos comprometidos na vida comunitária (“presbíteros de comunidade”) para assumir essa tarefa de presidir à Eucaristia. Lembrou ele: “Sem Eucaristia não existe comunidade cristã. Isso foi afirmado solenemente aqui nesta Basílica pelo Papa Bento XVI, na abertura da 5ª Conferência Geral dos Bispos da América Latina e do Caribe. Sem Eucaristia não existe comunidade cristã. Falta agora então conferir que consequências práticas tiramos dessa verdade tão importante afirmada pelo Papa. E aí entra em cheio de novo a questão presbiteral”.

2. A paróquia que sirvo neste momento tem cerca de 100km de extensão. Neste território nasceram, desde 1967, 94 comunidades cristãs

por egoísmo, cegueira, incúria, burocracia ou por ignorância... ou por todas essas razões ao mesmo tempo, até consigo aceitar na lógica da malvadez humana. Recuso-me a aceitar, contudo, que a mesma lógica seja justificativa da inércia diante da situação eclesial atrás descrita. A não ser que se troquem os fundamentos (“sem Eucaristia não existe Comunidade”), estas Comunidades estão a ser prejudicadas, por mim e pelos outros aprendizes de discípulos de Jesus, pela ausência de Eucaristia.

4. “O Senhor esteja convosco”, assim saúdo as Comunidades que sirvo quando lhes dirijo uma carta. E está. O Senhor está, independentemente de tudo o resto. Mas, confesso: sinto-me frequentemente alguém que está a recomendar uma dieta equilibrada a pessoas que passam fome...

(1) “O Senhor esteja convosco”, em língua local de Ocua-Moçambique (macua).

"O NOSSO TRABALHO NÃO PODE FICAR



FLÁVIA BARBOSA
TEXTO

- Nome: **Guilherme Peixoto**
- Idade: 42 anos
- Ordenação sacerdotal: 11-07-1999
- Inspirações musicais: AC/DC, Queen, The Beach Boys, Chuck Berry, Rolling Stones

QUANDO DESCOBRIU A SUA VOCAÇÃO?

Desde pequenino, desde que me lembro, que dizia que queria ser padre. Identificava-me muito com o pároco da minha freguesia, o Monsenhor José Maria, tinha uma boa relação com ele. Apesar de a minha casa ser distante, cerca de 25 minutos a pé, a minha preocupação era chegar cedo, principalmente ao fim-de-semana, para ser um dos acólitos na missa. Quando chegava tarde e já estava a equipa dos acólitos formada ficava sempre um bocado triste... Na minha família rezava-se o terço todos os dias, a missa dominical era, e ainda é, sagrada. À semana ia à missa sempre que possível, sozinho ou com a minha avó. Fui ganhando uma relação especial com a Igreja, com o Sacrário e o Santíssimo. Entretanto entrei para o Pré-Seminário, e mesmo tendo um novo pároco, sempre tive o seu apoio ao longo dos meus estudos e incentivo para não desistir da vocação. Mesmo apesar de ser um bocado “malandrote” (risos)! O certo é que tive sempre todo

o apoio e toda a ajuda e nunca deixei de ser quem era pelo facto de estar no Seminário.

COMO SURTIU A MÚSICA NA SUA VIDA?

A nível de música coral, a minha afinação nunca foi a melhor (risos). Mas sempre gostei de música! Sempre gostei de sair com os amigos, estava muito ligado a São Dâmaso, ao Agrupamento de Escuteiros, aos caminheiros, um ou outro fim-de-semana lá saíamos juntos depois das reuniões, depois dos jantares... Estávamos também juntos nas eucaristias de Domingo. A par disto, no Seminário, em Teologia, criámos uma banda, o “Quinto Império”, uma banda de música *pop rock*. Também fazia parte de um grupo de cantares de música popular no Seminário Maior, fiz parte da Tuna da Faculdade. Portanto, no Seminário estive sempre ligado à música. Nunca como *disc jockey* (DJ), nunca pensei que ia ser DJ nem nada do género, mas a música esteve sempre presente.

E ASSIM CONTINUOU COM OS COROS QUE DIRIGE...

Ainda antes desta transformação como DJ, sempre gostei de música coral, sempre a achei um tesouro que temos na Igreja e que temos de agarrar. Temos de apoiar principalmente os músicos que estão pela Igreja, as novas gerações, porque a música sacra é um património fantástico que temos. E principalmente numa comunidade, a melhor forma de fazer com que se desperte o gosto pela música sacra começa também pelos mais novos,

pelos mais pequenos. Eles desde novos deviam ter uma espécie de “schola cantorum” para perceberem que também podem dar o contributo deles com arte e alma à liturgia. Neste espírito, quando cheguei às paróquias, com um amigo que me visitou do Brasil e me disse que se precisasse de alguma coisa estava disponível, começámos com o Coro dos Pequenos Cantores de Amorim. Depois, a partir deste Coro, veio a necessidade de existir um de jovens. Entretanto, as crianças começaram a passar para os jovens, e para os mais pequeninos era difícil entrar para um coro que já cantava a três vozes. Surgiu o coro Infantil. Depois fiquei com outra paróquia, Laúndos, e criámos lá um Coro Infantil e um de Pequenos Cantores. Hoje todo este projecto que existe, apoiado por uma empresa do Porto, a Lipor, envolve cinco coros: dois de crianças, um em Amorim, outro em Laúndos, dois de Pequenos Cantores, um em cada paróquia, e o Coro Manuel Giesteira, cujo nome surge em homenagem ao amigo do Brasil, que durante os primeiros anos suportou todos os custos, todas as despesas, até falecer. Depois da morte dele, esta empresa do Porto olhou para este projecto com carinho e continuou a apoiar-nos.

ENTÃO COMO SURTIU O “AR DE ROCK” E A HABILIDADE COMO DJ?

Quando fui para Laúndos, tínhamos uma paróquia sem salas de catequese, com uma dívida de cerca de 25 mil

euros e sem dinheiro no banco. Aquilo que fiz na altura foi falar com as pessoas, com várias profissões, desde picheiros, electricistas, trolhas, carpinteiros e tentar restaurar a residência e adaptá-la para salas de catequese. Um arquitecto amigo foi fazendo o projecto das salas, com a prata da casa fomos fazendo isso, com ofertas das pessoas, das confrarias... Uma das confrarias, numa reunião que tivemos, disse que não tinha possibilidades de colaborar com a paróquia porque estava em obras e não tinha essa possibilidade. Tinham um pequeno café que exploravam junto à capela. Perguntei-lhes pelo café, uma coisa simples, o que é que faziam com ele, e responderam-me que dava mais prejuízo do que outra coisa; se a paróquia o quisesse explorar, tudo bem. E foi mais ou menos assim, reuni com o Conselho Económico e aquilo foi entregue à paróquia. Fomos fazendo obras todos os anos. Começámos a abrir sempre à Sexta-feira à noite, por ser um dia mais calmo. Portanto, ali no Verão, quando acaba a catequese e começam as férias, toda a gente, desde membros do Conselho Económico, catequistas, começaram a fazer as equipas de trabalho. Um dia pedi a um maestro, e ele organizou lá um *karaoke* à noite... Púnhamos os miúdos dos coros e os adultos a cantar, começaram a ver que aquilo tinha a sua piada e no intervalo das músicas era preciso passar música. Eu pegava no computador e ia escolhendo uma música, a seguir outra... De uma forma muito arcaica,

CONFINADO À IGREJA"

claro. Entretanto, no ano seguinte, pus-me a pensar que tinha que começar a aprender a mexer naqueles programas de DJ. Comecei a dedicar-me um pouco mais. Passados dois ou três anos fizeram-se lá grandes obras e deixou de ser uma coisa mais artesanal para passar a ser quase profissional. Nessa altura, o que fiz? Investi em material de som, mesa de mistura e inscrevi-me também numa escola no Porto que dá formação a DJs. A formação ainda está a ser feita, não está terminada. Mas comecei a achar mais piada do que eu e a incentivar-me, achavam graça a ter lá o pároco a passar música. Com cada vez mais gente a aparecer, comecei a sentir a responsabilidade de ter que aprender, de aperfeiçoar. Tem que haver alguma arte nisto, senão depressa as pessoas se cansam. Abrimos poucas vezes, são 8 ou 9 vezes no ano, Julho e Agosto.

Aquilo que distingue mais o espaço é o facto de ser “familiar”.

ENTÃO NÃO SÃO APENAS JOVENS A FREQUENTÁ-LO?

Hoje a vida é muito intensa e uma família com filhos, ou fica a mulher em casa a tomar conta deles e sai o homem, ou não sai nenhum, já que alguns não têm a possibilidade de pedir aos pais que fiquem com os filhos... Ou seja, a família não tem muitos sítios onde sair em conjunto. Aquilo que se pensava que ia ser um lugar que ia atrair os jovens – porque tinha música, bom ambiente, um sítio bonito e agradável – depressa passou a ser um lugar que atraía todas as gerações. Nós às vezes brincamos e dizemos que chegamos a ter lá quatro gerações da mesma família. Por exemplo, em frente à área onde se está a passar música estão os mais

novos, mais atrás estão os mais velhos, sentados à volta estão os mais idosos. Eles organizam-se por grupos, vão todos juntos, quando chegam lá separam-se e no fim voltam a juntar-se para irem embora. Acaba por ser um espaço de convívio entre gerações, chama-se “Ar de Rock de Laúndos”, e o que se pretende é isto: que seja um espaço onde depois de uma semana de trabalho ou em tempo de férias, os pais possam sair com os filhos, as famílias possam estar juntas, porque espaços destes há muito poucos. Aquilo que estava pensado para ser o local de convívio de uma paróquia, passou a ser um local de convívio do concelho e de concelhos vizinhos. Nós nunca imaginámos que iria ser aquilo que é hoje. Hoje vemos lá chegar pessoas de todo o lado, grupos de jovens, famílias, adultos, idosos... todos se sentem bem lá!

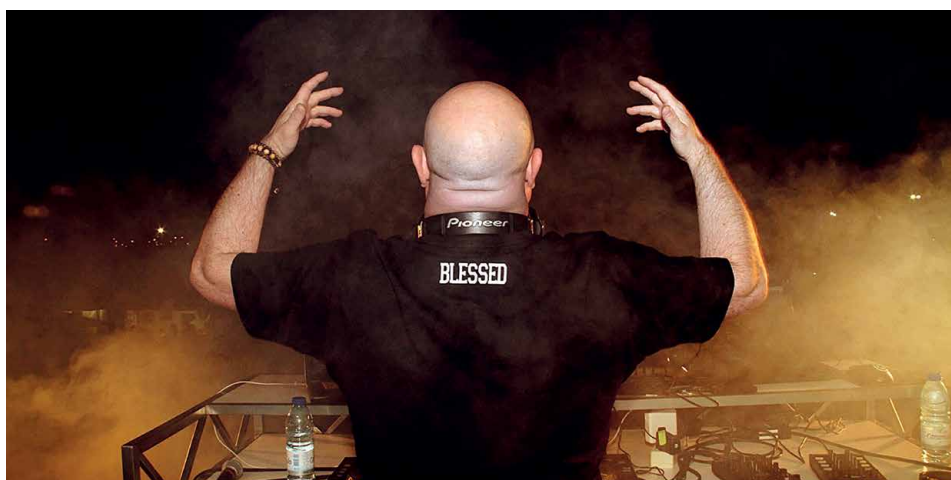
COMO REAGIRAM OS PAROQUIANOS?

As pessoas já me conheciam e tudo isto foi feito com as pessoas. Isto cresceu com elas. E cresceu com elas às vezes a puxarem por mim. “Senhor padre, temos que fazer isto, senhor padre, temos que fazer mais mesas, temos que aumentar isto!” (risos). Eram elas a puxar! E comecei a sentir que se lhes dissesse que numa semana gostava de ficar mais descansado e de não passar música... não me deixavam fazer isso! (risos) “Senhor padre, tem que ser o senhor a passar música, se não isto não é a mesma coisa...”: são elas que pedem! Haver anticorpos ou críticas há sempre, não é? Temos sempre aqueles mais

conservadores, mas não podemos estar sempre a preocupar-nos com aqueles que puxam para trás, com os que vêm maldade em tudo, senão não fazemos nada. Nunca liguei, nunca ligámos às críticas, fomos fazendo o nosso caminho. Já temos um rumo e vamos sendo fiéis a esse rumo. Além disso, o certo é que com este espaço e depois com o evento que temos em Agosto, “Laúndos em Movimento”, pagámos a dívida da paróquia, já restaurámos a Igreja Matriz e agora estamos a trabalhar para construir a sede dos escuteiros. Toda a gente que lá está trabalha gratuitamente e por causas, sendo neste momento a causa a sede para os escuteiros. Temos outros projectos e ideias mas tudo passa por aqui... Vamos estando três, quatro, cinco anos a trabalhar e faz-se a obra. Mais três, quatro ou cinco com outro objectivo... e assim se vão fazendo as coisas. E assim a comunidade também se junta, as pessoas divertem-se... Na Igreja há tempo para tudo: para rezarmos, para o silêncio, para a adoração, mas também tem de haver tempo para as famílias se juntarem e conviverem umas com as outras. É o que falta muitas vezes, as pessoas conhecerem-se. Numa comunidade, o adro da igreja já não é o sítio onde as pessoas se conhecem porque quando a missa acaba, vai cada um para sua casa, para as suas vidas. Enquanto antigamente até podiam vir mais cedo, ou ficar no final a conversar uns com os outros, hoje as coisas são mais impessoais, a menos que haja alguns espaços de encontro nas comunidades. A maior parte dos cristãos não se conhece. Construir comunidade com comunidades anónimas não é fácil. O que temos tentado fazer é sempre evitar ao máximo pedir dinheiro porta a porta, porque isso resolve um problema, que é a manutenção, as obras que fazem falta, mas não é isso que cria espírito de comunidade, de corpo, de pertença à Igreja. A ideia é termos sempre coisas a acontecer, que propiciem este encontro e que façam com que todos sintam que pertencem a uma comunidade activa, solidária e atenta uns aos outros.

QUAL É A SENSÇÃO QUE FICA AO VER ESTAS COISAS ACONTECER?

O nosso trabalho não pode ficar confinado à igreja. O ir às periferias também passa por aqui. Eu às vezes brinco e digo que na igreja conheço aqueles que vão à missa, e nestes espaços conheço muitos outros que andam afastados. O certo é que vai-se criando uma relação de respeito, de amizade também com toda esta gente. Quem sabe até os ajuda a ter outra ideia do que é a Igreja e se calhar aproximarem-se mais. O que permite fazer tudo isto é termos no mesmo espaço pessoas com fé e sem fé a conviver, de outras religiões até, mas é um espaço aberto onde todos se sentem bem independentemente da sua religião ou fé.



“QUEM VOS RECEBE, A MIM RECEBE; E QUEM ME RECEBE, RECEBE AQUELE QUE ME ENVIOU”

XIII DOMINGO COMUM A

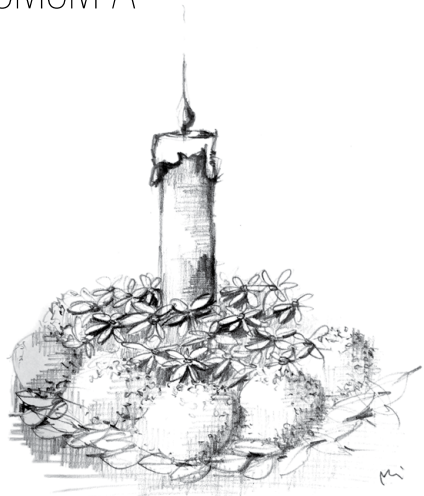


ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES



ITINERÁRIO

ATITUDE MARIANA
Acção de graças.

CARACTERÍSTICA
Gratidão por ser testemunha.

CONCRETIZAÇÃO: A acção de graças é uma bela forma de testemunhar. A beleza da vida e da celebração da fé em comunidade é testemunho que pode unir e fazer despertar verdadeiro acolhimento do amor e dos dons de Deus e da riqueza da vida da comunidade. Propomos que se faça um arranjo floral circular com flores brancas, a partir do qual surgem dois conjuntos de verdes, em forma de braços abertos, em forma de acolhimento.

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENTRADA:** *Deus nos acolhe em sua casa*, J. Santos
- **OFERTÓRIO:** *Em redor do Teu altar*, Miguel Carneiro (NRMS 42)
- **COMUNHÃO:** *Se vos amardes uns aos outros*, F. Silva (NRMS 22)
- **FINAL:** *Povo teu somos, ó Senhor*

EUCOLOGIA

Orações próprias do XIII Domingo do Tempo Comum (*Missal Romano*, p. 407).
Prefácio dos Domingos do Tempo Comum VI (*Missal Romano*, p. 481).
Oração Eucarística III (*Missal Romano*, pp. 529-535).
Bênção solene para o Tempo Comum V (*Missal Romano*, p. 562).

VIVER A ALEGRIA

Durante esta semana vai estar bem presente em nós a palavra “acolher”. Propomos que haja especial cuidado em acolher cada pessoa, fixando a nossa atenção, de forma contemplativa, na sua dignidade humana e de filha de Deus. Que isso nos leve a escutar mais e a falar menos.

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I 2 REIS 4, 8-11.14-16A

Leitura do Segundo Livro dos Reis

Certo dia, o profeta Eliseu passou por Sunam. Vivia lá uma distinta senhora, que o convidou com insistência a comer em sua casa. A partir de então, sempre que por ali passava, era em sua casa que ia tomar a refeição. A senhora disse ao marido: “Estou convencida de que este homem, que passa frequentemente pela nossa casa, é um santo homem de Deus. Mandemos-lhe fazer no terraço um pequeno quarto com paredes de tijolo, com uma cama, uma mesa, uma cadeira e uma lâmpada. Quando ele vier a nossa casa, poderá lá ficar”. Um dia, chegou Eliseu e recolheu-se ao quarto para descansar. Depois perguntou ao seu servo Giezi: “Que podemos fazer por esta senhora?”. Giezi respondeu: “Na verdade, ela não tem filhos e o seu marido é de idade avançada”. “Chama-a” – disse Eliseu. O servo foi chamá-la e ela apareceu à porta. Disse-lhe o profeta: “No próximo ano, por esta época, terás um filho nos braços”.

SALMO RESPONSORIAL SALMO 88 (89)

Refrão: Cantarei eternamente as misericórdias do Senhor.

Ou: Eu canto para sempre a bondade do Senhor.

LEITURA II ROM 6, 3-4.8-11

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Romanos

Irmãos: Todos nós que fomos baptizados em Jesus Cristo fomos baptizados na sua morte. Fomos sepultados com Ele pelo Baptismo na sua morte, para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos, pela glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova. Se morremos com Cristo, acreditamos que também com Ele viveremos; sabendo que, uma vez ressuscitado dos mortos, Cristo já não pode morrer; a morte já não tem domínio sobre Ele. Porque na morte que sofreu, Cristo morreu para o pecado de uma vez para sempre; mas a sua vida, é uma vida para Deus. Assim, vós também, considerai-vos mortos para o pecado e vivos para Deus, em Cristo Jesus.

EVANGELHO MT 10, 37-42

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus

Naquele tempo, disse Jesus aos seus apóstolos: “Quem ama o pai ou a mãe mais do que a Mim, não é digno de Mim; e quem ama o filho ou a filha mais do que a Mim, não é digno de Mim. Quem não toma a sua cruz para Me seguir, não é digno de Mim. Quem encontrar a sua vida há-de perdê-la; e quem perder a sua vida por minha causa, há-de encontrá-la. Quem vos recebe, a Mim recebe; e quem Me recebe, recebe Aquele que Me enviou. Quem recebe um profeta por ele ser profeta, receberá a recompensa de profeta; e quem recebe um justo por ele ser justo, receberá a recompensa de justo. E se alguém der de beber, nem que seja um copo de água fresca, a um destes pequeninos, por ele ser meu discípulo, em verdade vos digo: Não perderá a sua recompensa”.



REFLEXÃO

O Décimo Terceiro Domingo (Ano A) destaca a importância do acolhimento: a hospitalidade atenta e sincera por parte de uma mulher para com o profeta Eliseu (primeira leitura); pelo baptismo, mergulhamos na morte e na ressurreição de Jesus Cristo, recebemos e acolhemos uma vida nova (segunda leitura); Jesus Cristo recorda que o principal consiste em acolher a sua proposta de vida (evangelho). Os gestos realizados com amor, por mais pequenos que sejam, produzem eco no coração de Deus, isto é, jamais são ignorados ou esquecidos, hão-de ter a devida recompensa. O cristão sabe que a bondade e a fidelidade divinas são eternas (salmo).

“Quem vos recebe, a Mim recebe; e quem Me recebe, recebe Aquele que Me enviou”

O fragmento do evangelho, que se situa na parte final do “discurso missionário” (cf. domingo passado), pode ser dividido em duas partes unidas pela expressão central: “Quem vos recebe, a Mim recebe; e quem Me recebe, recebe Aquele que Me enviou”. A primeira parte apresenta as exigências propostas a quem “recebe” Jesus Cristo; a segunda, as recompensas oferecidas a quem “recebe” os discípulos de Jesus Cristo.

O acolhimento fundamental em que cada ser humano põe em jogo a sua existência é o seguimento de Jesus Cristo: acolher o seu estilo de vida. Ser cristão é uma opção pessoal que compromete a totalidade da existência e até pode entrar em conflito com os laços familiares, por exemplo. Não há horário nem condições. Quem não se entrega à missão a tempo inteiro com plena disponibilidade “não é digno de Mim” — declara três vezes Jesus Cristo.

Seguir Jesus Cristo implica tomar a cruz. É uma evocação da fidelidade e do amor vividos pelo próprio Jesus Cristo até à morte, na cruz. Não se trata de uma prática ascética ou qualquer reminiscência masoquista. A cruz não é o objectivo, mas pode ser uma consequência! O que está em causa é, à semelhança do Mestre, a fidelidade e o amor vividos sem reservas nem limites.

A radicalidade mostra que ser discípulo é uma missão que configura a identidade pessoal. Lembra-o também o Papa Francisco, no número 119 da Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo actual (“A Alegria do Evangelho”): “Em virtude do Baptismo recebido, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário. [...] Não digamos mais que somos «discípulos» e «missionários», mas sempre que somos «discípulos missionários»”.

Louvor

Entre os extremos do tudo (“perder a sua vida”) e do quase nada (“um copo de água fresca”), Jesus Cristo proclama: “Quem vos recebe, a Mim recebe; e quem Me recebe, recebe Aquele que Me enviou”. O Mestre apresenta-se como enviado do Pai; analogamente, o discípulo é o enviado de Jesus Cristo. Esta frase — diz a biblista francesa Marie-Nöelle Thabut — “visa fortalecer os apóstolos, como se lhes dissesse: «Tende coragem. Todos os riscos corridos por causa do Evangelho aproximam-vos de mim e de meu Pai»”. É uma espécie de incentivo. Hoje, é também mais um motivo para o louvor: o discípulo “não perderá a sua recompensa”.

Reflexão preparada por Laboratório da Fé | in www.laboratoriodafe.net

ELEMENTOS CELEBRATIVOS A DESTACAR

Dinâmica do Tempo Comum**1. Kyrie**

Especial destaque ao canto do *Kyrie, eleison*, como exaltação de Jesus Cristo, Senhor da misericórdia.

2. Envio

Somos enviados a testemunhar. Por isso, sugerimos que se dê particular destaque ao envio, cantando e assumindo a fórmula da bênção solene proposta.

Introdução à Liturgia da Palavra

Jamais podemos deixar de pensar que uma das razões pelas quais nos reunimos hoje, como assembleia de irmãos, é a escuta e acolhimento da voz de Deus que nos fala. Nestas leituras que agora são proclamadas, escutamos a voz de Deus. Nelas expressa-se a sua vontade que faz germinar em nós a verdadeira atitude de acção de graças.

Cuidados na proclamação da Palavra**[Primeira Leitura]**

O leitor manifestará particular cuidado em destacar as três partes do texto:

- primeiro quadro: o primeiro convite que vai tornar-se uma etapa habitual para o profeta;
- segundo quadro: a decisão de preparar um pequeno quarto;
- terceiro quadro: o regresso do profeta.

Terá todo o cuidado em dar o devido destaque às duas personagens principais: Eliseu e a Sunamita.

[Segunda Leitura]

Esta passagem da carta de S. Paulo aos cristãos de Roma é difícil e exige ser bem preparada. Haja especial cuidado em não permitir que seja proclamada sem preparação.

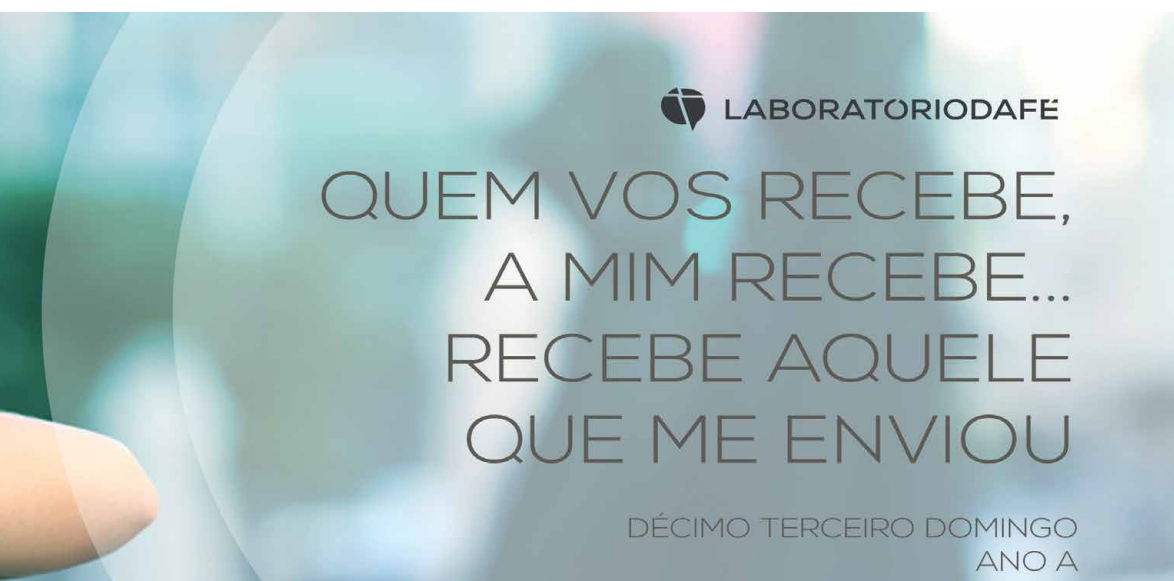
ORAÇÃO UNIVERSAL

Irmãos e irmãs: façamos subir até Deus as súplicas da Igreja e da humanidade, e imploremos, com muita confiança (cantando):

R. Concedei-nos, Senhor, a vossa graça.

1. Para que Deus confirme a santa Igreja na fé, na esperança e na caridade, até à vinda gloriosa de Cristo Salvador, oremos.
2. Para que saibamos acolher os que habitam as periferias existenciais, os estrangeiros, os mais pobres e os excluídos e recebamos em recompensa a vida eterna, oremos.
3. Para que os pais apreciem e respeitem a vocação própria dos seus filhos, e estes não desprezem os conselhos dos seus pais, oremos.
4. Para que todos os recém-baptizados alcancem a maturidade da fé e vivam para Deus, que os chamou, oremos.
5. Para que a misericórdia infinita de Deus Pai perdoe as nossas faltas de bondade e dê aos defuntos a companhia dos santos, oremos.

Senhor, vinde em nosso auxílio com a vossa graça, para pegarmos na nossa cruz todos os dias, Vos descobrirmos na pessoa dos mais pobres e Vos amarmos acima de todas as coisas.
Por Cristo, Senhor nosso.





S. JOÃO (O BAPTISTA)

Ainda há gente qu' ignora,
Quem foi S.João Baptista,
E, por vezes, O confunde
Com João Evangelista.

Tu que baptizaste Cristo,
Lá nas margens do Jordão,
Por gritares uma verdade,
Foste parar à prisão.
Criticavas, às claras,
O rei que vivia, então:
Por ter tomado p'ra esposa,
A mulher de seu irmão.
Sentindo-se injuriada,
Essa mulher malfazeja,
Exigiu sua cabeça
Servida numa bandeja.
Foi Salomé, sua filha,

Quem a ajudou na vingança,
Após seduzir o rei,
Na volúpia d'uma dança.
E aquele homem, imoral,
P'la luxúria seduzido,
Como prémio do bailado,
Satisfez esse pedido.

Mais um mártir que a Igreja,
Venera com devoção;
O povo gosta de festa,
Mas não esquece a oração.
Só mais um apontamento,
Para quem tal desconheça,
S.João é «advogado»
Das doenças da cabeça.

Elisa Perestrelo



S. JOÃO EVANGELISTA

É o apóstolo João, um dos doze apóstolos de Jesus. Chamado Evangelista por ter escrito o Quarto Evangelho (o de João). Escreveu, também, as três Epístolas de João e o livro do Apocalipse. Acompanhou Jesus até ao sacrifício na Cruz e foi a Ele que Jesus recomendou Sua Mãe, Nossa Senhora.

S. JOÃO BAPTISTA

Filho do sacerdote Zacarias e de Isabel, prima da mãe de Jesus. Foi profeta e considerado como o precursor do prometido Messias, Jesus Cristo. Apelidado de BAPTISTA, pelo facto de pregar um Baptismo de penitência e ter baptizado muitos judeus, incluindo Jesus Cristo, no rio Jordão.

AGENDA

23.06.2017

**SOLEINIDADE DO SAGRADO
CORACÃO DE JESUS**
15h30 / Seminário Nossa Senhora
da Conceição

**ABERTURA OFICIAL
DAS FESTAS DE SÃO JOÃO**
10h00 / Praça do Município

24.06.2017

**SOLEINÍSSIMA PROCISSÃO
DE SÃO JOÃO BAPTISTA**
18h00 / Sé Catedral

25.06.2017

**ENCONTRO DAS FAMÍLIAS DO
ARCIPRESTADO DE BARCELOS**
10h00 / Santuário da Franqueira



FM 101.1 Mhz
AM 576Khz.

O programa Ser Igreja entrevista, esta semana,
o bispo auxiliar D. Nuno Almeida.



Fale connosco no Facebook

FICHA TÉCNICA

Director: Damião A. Gonçalves Pereira
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da
Comunicação Social (Pe. Paulo Terroso, Pe. Tiago
Freitas, Filipa Correia, Flávia Barbosa)
Design: Romão Figueiredo
Multimédia: Ana Pinheiro
Contacto: comunicacao@arquidiocese-braga.pt

LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO



TERESA POWER

**EM TUA CASA
CRÓNICAS DE UMA
FAMÍLIA CATÓLICA**

A autora do blogue "Uma Família Católica" lança agora um livro onde fala da sua vivência da fé em casa. Casada há 17 anos, professora e mãe de seis filhos, refere ter sido tomada "por uma vontade imensa de contar a todos como é belo, como é grande, como é poderoso o matrimónio cristão". Com a partilha da sua história familiar, onde a dor e a alegria se tornaram "caminho de felicidade", Teresa Power pretende desafiar os leitores a "escutar a voz de Jesus que insiste, cheio de expectante alegria: «Hoje vou ficar em tua casa!»".

PVP
19,90 €

10% *
Desconto

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 22 a 29 de Junho de 2017.